

# O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença

## The Journal of Science and Gender Visibility: Equality and Difference

**Juliana Cardoso Pereira**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e IFSul - Campus Sapiiranga  
[julianapereira@ifsul.edu.br](mailto:julianapereira@ifsul.edu.br)

**Rochele de Quadros Loguercio**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[rochelel@gmail.com](mailto:rochelel@gmail.com)

### Resumo

Na atualidade, não é possível negarmos a presença de um sujeito na ciência, um ator, alguém que constrói o universo sobre o qual se diz observador privilegiado e objetivo. Essa negação do sujeito cientista serviu de alibi para a elisão da discussão sobre a presença ou ausência das mulheres na ciência. Nesse artigo problematizamos como tem se dado a discussão sobre a relevância do sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências, para isso buscamos as falas de cada dia, aquelas mais frequentes sobre as mulheres nas ciências publicadas no Jornal da Ciência de 2002 até 2017. Essas falas de cada dia são analisadas como efeitos de práticas que constituem um saber sobre mulheres e ciência tornadas como texto, ocupando espaço e instituindo um novo e promissor campo nas ciências exatas, configurando e sendo configuradas em novos arranjos de poder.

**Palavras chave:** mulher, ciência, cientista, JC Notícias, educação em ciências.

### Abstract

Nowadays, it is not possible to deny the presence of a subject in science, an actor, one who builds the universe on which one says a privileged and objective observer. This denial of the scientific subject served as an alibi for the elision of the discussion about the presence or absence of women in science. In this article, we will discuss how the discussion of the relevance of the issue of the female scientist in the context of the exact sciences and education in sciences, for which we look for the everyday speech, the most frequent ones about women in the sciences published in the Journal of Science of 2002 to 2017. These everyday discourses are analyzed as effects of practices that constitute a knowledge about women and sciences made as text, occupying space and instituting a new and promising field in the exact sciences, configuring and being configured in new arrangements of power.

**Key words:** woman, science, scientist, JC News, science education.

## **Introdução:**

De acordo com Bachelard (1996) um dos desejos maiores das ciências é tornar-se senso comum, e nesse sentido, fazer-se instrumento cotidiano. Poderíamos pensar que a ciência atingiria seu objetivo na contemporaneidade, pois vivemos um mundo tecnológico, efeito direto de teorias científicas, falamos uma linguagem científica e, tal como “desejava” Bachelard, nem ao menos nos damos conta desse processo. Viver num mundo em que pensamos, no entanto, não facilita de nenhuma forma o que Bachelard chama de mundo representacional. É preciso psicanalisar nosso pensar no mundo, para superá-lo e produzir uma experiência científica renovada, com menos vínculos em redes conceituais, sociais, históricas fundantes, isto é, para fazer ciência é preciso imaginação e para imaginar é preciso conhecer os obstáculos que os discursos, as práticas, as disciplinas e as disjunções produziram nesse ser pensante que produz ciência.

Emprestando de Bachelard esse olhar sobre a ciência, miramos o que se refere aos estudos de gênero e feministas, em que há um universo de significações e obstáculos que vão desde os entendimentos arquetípicos sobre o feminino, que precisamos psicanalisar como nos indica Bachelard, aos obstáculos substancialistas e realistas que insistem em dizer de uma realidade do mundo, fora de nosso espaço representacional. Bachelard foi considerado por muitos o arauto da pós-modernidade no que se refere a ciência, pois, como bem indica o filósofo Michel Foucault, realizar uma crítica da ciência dentro da própria ciência foi considerado um pensamento selvagem, pouco ou nada necessário aos cientistas que por muitos anos tentaram negar a presença de um sujeito na ciência. Negar o sujeito cientista ou o cientista sujeito também serviu como alibi para a elisão da discussão sobre a presença ou ausência das mulheres na ciência. Admitir, tal como Bachelard, que somos sujeitos e, para além disso, que somos sujeitos cujo domínio do inconsciente tampouco acontece, seria a falência do projeto positivista tantas vezes sonhado. Ao olharmos para a atualidade, levando em conta o que nos apontou Bachelard, percebemos que não é mais possível negar a presença das mulheres no contexto científico, no entanto cabe pensarmos: como tem se dado a discussão sobre a relevância desse sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências?

Uma possibilidade de observar as presenças dos sujeitos e seus gêneros na ciência é através do Jornal da Ciência (JC), uma publicação de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Em 1993, começou a ser produzido o boletim diário JC-Email, enviado gratuitamente para assinantes, e que a partir de agosto de 2014 passou a ser produzido com o novo nome JC Notícias. Permaneceu com o mesmo conteúdo constituído basicamente de um apanhado de notícias de CT&I de todo o País e algumas matérias exclusivas. Nossa busca foi realizada no JC-Email/JC Notícias compreendendo o período de 2002 até 2017 utilizando a palavra chave “mulher”.

Encontramos como veremos neste artigo, momentos diferentes em que a presença do sujeito mulher cientista se evidencia, e as analisamos como efeitos de práticas discursivas que constituem hoje um saber sobre mulheres e ciência tornadas como texto, ocupando espaço e instituindo um novo e promissor campo nas ciências exatas, configurando e sendo configuradas em novos arranjos de poder.

## **Movimentos e Análises no Campo**

Há no JC Notícias (2002 a 2007) alguns pontos de acontecimentos discursivos muito interessante para implementarmos nossa pesquisa e análise, como veremos no levantamento de dados da quadro a seguir.

Ano	Notícias	Ano	Notícias	Ano	Notícias	Ano	Notícias
2002	3	2006	23	2010	15	2014	23
2003	1	2007	10	2011	18	2015	8
2004	11	2008	6	2012	6	2016	7
2005	36	2009	7	2013	9	2017	28

Quadro 1 - Notícias sobre mulheres na ciência do JC Notícias de 2002-2017.

Os dados acima nos mostram que o dizível, ou seja, a proliferação de notícias envolvendo mulheres e ciência tem ganho destaque em alguns períodos históricos específicos do país. Esse fator é notável no ano de 2005, onde se teve o maior número de notícias publicadas. Cabe salientar alguns fatores que fizeram de 2005 um ano historicamente importante. A nível brasileiro, começamos pela criação dois anos antes, em 2003, da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM) vinculada a Secretária de Governo da Presidência da República, essa medida foi estabelecida pelo então presidente da república, Luis Inácio Lula da Silva. O nascimento de uma secretaria dedicada às mulheres, mostra que estamos vivendo um momento histórico social em que é possível se falar de espaços tão específicos, como a referida secretaria.

Cabe algumas questões: causa estranheza uma secretaria para mulheres? Tampouco causa estranheza a necessidade dessa secretaria? Já que em termos sociais e políticos há uma consolidada noção de que as mulheres já são parte representativa na sociedade, é necessário criar espaços específicos de políticas? Estamos falando do ano de 2003, ou seja, o primeiro manifesto como vemos é do século XVII, ainda que esses direitos femininos igualitários tenham sido conquistados pelas diferentes lutas, não há uma correspondência cotidiana, ou seja, as mulheres ainda são igualdades de papel.

Em 2004, a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres passou a ser liderada por Nilcéia Freire. Em julho do mesmo ano Nilcéia realizou a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que reuniu mais de 120 mil mulheres de todo o país e, como fruto dessa mobilização, publicou-se, no final de 2004, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM). O estabelecimento pela secretária da SNPM de um grupo de trabalho interministerial para conduzir as ações de discussão e execução do Plano, como mostra a Portaria n.45/2004, composto integralmente de mulheres que participaram de todos os ministérios e secretarias envolvidos, nos parece também um fator importante para a tessitura de tantas outras propostas. Essa movimentação realizada em 2004, aliada a algumas ações a níveis internacionais que veremos a seguir, são movimentos que propiciaram o destaque da temática gênero e ciência, em 2005. Uma das ações resultantes desse movimento e que fez de 2005 um ano significativo foi a implantação do Programa Mulher e Ciência pelo CNPq.

Como podemos entender ou explicar, ou mesmo identificar nesses documentos e índices os processos de mudança na sociedade, a possibilidade do pensamento e a transformação desse pensamento institucionalizado sobre as mulheres? Uma alternativa teórica que nos parece bastante possível é o trabalho analítico que Deleuze faz da obra de Michel Foucault, em especial sua explicação de como conhecimentos, conceitos e saberes passam a existir e constituir os próprios sujeitos enquanto subjetivação e não como uma interpelação que produz assujeitamentos. Esses dados nos mostram, não uma mudança de comportamento das mulheres perante a ciência, mas as condições de existência onde as mulheres na ciência passam a ter uma existência visível, “sob um regime de luz”. Nos mostra que a institucionalização do campo tem como parte integrante relações diferenciais de forças,

justamente nessa diferença de potencial é que se percebe os pólos díspares onde mulheres e homens são reconhecidos e se reconhecem.

A diferença entre assujeitamento e subjetivação é importante quando nos referimos ao sujeito foucaultiano em diferentes momentos da obra do autor, enquanto assujeitamento da conta da explicação do lugar, toma o sujeito como produzidos nas práticas discursiva, explicando como nos colocamos comodamente ou não em alguns discursos e práticas discursivas, a subjetivação exige um exercício, uma estratégia, uma determinada tecnologia que não apenas produz uma forma sujeito, mas é uma ação do indivíduo em busca dessa forma. Ações sobre ações, força sobre forças. Agora há um lugar institucional da mulher nas pautas de governo, um agir sobre e para uma população. Mas o que essa visibilidade produz?

Podemos observar esse caminho de institucionalização em movimento no trabalho da pesquisadora Betina Stefanello Lima (2017) ao descrever em sua tese que no Brasil o Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI) não se preocupou diretamente com a discussão da inserção ou participação das mulheres na ciência e tecnologia, até 2016, quando inseriu nos seus documentos oficiais, uma preocupação nesse sentido. No âmbito internacional Betina Lima (2017) também aponta inúmeras ações voltadas para esse processo de institucionalização desde 1999 pela UNESCO. Ou seja, o movimento da constituição do campo dos estudos de gênero e ciência começa a desenhar-se como uma estratégia de governo. Não se trata mais de mostrar como as formas de saber e as formas de subjetivação são construídas em jogos de poder, mas pensar o surgimento de inúmeros órgãos internacionais e nacionais de agenciamento, como estratégia de uma “arte de governo”.

Aqui podemos utilizar o conceito de governamento que implica na prática e na estratégia de produzir um espaço para os estudos de gênero que ultrapassa a anatomia dos indivíduos e passa a ser reconhecido como uma demanda populacional, ou seja, estamos agora fazendo o que Foucault denominou biopolítica, gerar um grupo significativo da população, que até então era um grupo marginal. Com isso, o emblemático ano de 2005, pode ser tomado com um acontecimento anunciado por todos esses movimentos de instituição do campo. Nesse processo de instituição do campo percebemos a participação de algumas pesquisadoras dos estudos de gênero e ciência. Obras importantes deram legitimidade para o cenário de discussão brasileiro como a obra *O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino* da prof<sup>a</sup> Fanny Tabak, em 2002. Além dela, vale o destaque para a pesquisadora prof.<sup>a</sup> Maria Margaret Lopes que descrevia a trajetória acadêmica de Bertha Lutz questionando a invisibilidade dessa cientista no cenário brasileiro em 1998. (LIMA, 2017).

O cenário é então o que podemos perceber pelas diferentes formas de institucionalização do tema gênero e ciência: passam a ser consideradas uma população, estruturando práticas e estratégias para atuação de uma biopolítica. Essa atuação passa pela presença em pautas na agenda de governo, a nível mundial com Fórum Mundial da Ciência promovido pela UNESCO, e a nível nacional com a criação da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres e a estruturação do Programa Mulher e Ciência do CNPq. A partir do dizível e do visível sobre as mulheres na ciência observa-se agora um regime de luz sobre o tema. Tornada visível a temática gênero e ciência, vamos voltar ao JC Notícias e entender quais as formas com essa temática chega a mídia.

Dadas as 211 reportagens, nos pareceu que elas seguiam, pelo menos, quatro eixos distintos. O primeiro eixo, que representa 50% das notícias, tratava de vincular as mulheres na/dà ciência diretamente a uma instituição ou órgão governamental, como por exemplo “Royal Society investiga distribuição desigual de financiamento científico entre homens e mulheres”, ou “Senado e Embrapa debatem participação da mulher na Ciência”.

A institucionalização do tema é algo muito interessante se o observamos na perspectiva de uma biopolítica, tal como a explica Foucault. O biopoder, ou o poder sobre os corpos implica em uma nova maneira de entender a vida e as formas de gestá-la, passa-se de um decidir sobre viver ou morrer clássico, típico dos combates, para uma forma de disciplinar os corpos e ou regular as populações. Conhecer a população através de estatísticas, cuidados, investigações (inclusive incentivadas), epidemiológicas é o que permite aos governos gestar a população. Não se trata mais de um corpo, como o feminino, trata-se de uma população, as mulheres.

Há em operação um conjunto de autoridades, neste caso, instituições, consideradas competentes para falar a verdade, inclusive sobre as mulheres, afirmando que as mulheres, enquanto existência coletiva, estão ausentes de lugares na ciência. Esse tipo de configuração faz com que compreendamos que a prática discursiva conduz determinadas condutas, ela define o lócus determinado para a participação das mulheres na ciência (promovendo sua participação, mas em alguns lugares/posições específicas). Foucault (2005) anuncia que o surgimento da biopolítica não é apenas uma mudança das formas de produção econômica, mas é antes de tudo resultado da mudança do modo de governar. A lógica circunscrita na biopolítica não opera apenas sobre este ou aquele indivíduo, ela cria a ideia de população.

No segundo eixo aglomeramos as reportagens que nos convidam a leituras de publicações de resultados de estudos analíticos de destaque nacional (23,11%), como por exemplo os artigos “Vamos queimá-las de novo? de Renato Danigno” ou “Laboratório de preconceitos, de Maria Teresa Citeli”. O campo do dizível sobre as mulheres na ciência perpassa também pela fala dos especialistas, como é notável nesse segundo conglomerado de notícias, nos convocando a leitura de alguns artigos especializados. Foucault (2005) nos mostra o quão complexo se torna quando há uma intensificação de uma prática discursiva no sentido de especializá-la, ele utiliza como exemplo a multiplicação da prática discursiva sobre o sexo a partir do XVII. Para esse exemplo Foucault aponta que os agentes do poder (médicos, juizes e pedagogos) trataram de criar mais e mais situações nas quais o sexo deveria ser colocado em questão, como objeto central de análise. Por fim, esse processo tem como efeito conhecer, na minúcia, essa população para conduzir suas ações, muito similar a questão com relação as mulheres na ciência.

No terceiro eixo estão as reportagens que informam, discutem ou reivindicam o acesso das mulheres na ciência (19,33%), apontando que elas não estão lá, como “Comitês Assessores (CAs) do CNPq discutem a pouca presença das mulheres”, “Onde estão as cientistas? Nas Comemorações do Dia Internacional da Mulher, pesquisadora comenta sobre a participação da mulher na ciência”, “Academias debatem educação científica e participação feminina” e “Mulheres ainda são minoria na ciência, revela estudo”. Ao tratarem de alguma forma a questão do acesso da mulher a prática científica, nos confronta a questão - Por que tão poucas mulheres se destacam na ciência? -, mostrando-nos como operam todo esse complexo jogo de verdades envolvendo as mulheres na ciência. Esse jogo de verdade faz parte do exercício do poder, que não é mais que um efeito de ótica.

E, por fim, temos no quarto eixo, figuram as notícias que se utilizam de argumentos essencialistas ou da crítica desses nas suas chamadas (7,56%), como “A ciência brasileira descobre a competência feminina”, “Pesquisa do Pisa comprova que meninas leem mais, e meninos são melhores em matemática” e “A diferença que realmente importa, artigo de Suzana Herculano-Houzel”. Entendemos que esse grupo de reportagens carregam uma espécie de caráter fundacionalista biológico, apontando para características naturalizadas para o feminino.

## **Conclusão**

Retomemos a questão apontada no início do artigo: como tem se dado a discussão sobre a relevância desse sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências? Na tentativa de uma possível resposta, podemos apontar que há uma institucionalização da temática das mulheres na ciência que culminou no ano de 2005, e validou o nascimento do campo gênero e ciências. Há, no mesmo sentido, um movimento de colocar sob as luzes, mesmo que por um instante, a premissa de que as mulheres não estão nas ciências e discutir os motivos desse apartamento para que com isso sejam propostas ações institucionais com o intuito de inseri-las.

Os diferentes modos de pensar e de lutar do feminismo não são recentes, mas sim intermitentes, galgando avanços por recuos estratégicos, posicionamentos novos, (des)construções e deslocamentos (o que alguns nomeiam, por ondas, e outros por fases), no entanto, a discussão nas ciências exatas brasileiras e na educação em ciência ainda é recente e incipiente no que concerne a ocupar espaços outros que não os dos grupos de pesquisa especializados no tema gênero, mulheres ou feminismo. Nos questionamos, enquanto pesquisadoras da educação em ciência como ainda é possível negar a presença do sujeito mulher cientista? Mais do que isso, como ainda é possível presumir que haja uma explicação científica para as mulheres não estarem na ciência, ou outra qualquer, que não o impedimento histórico e sistemático cunhado nas relações de poder?

Nesse sentido, é importante tornar visível o sujeito mulher cientista não apenas na luta por igualdade de acesso, mas também pelo respeito a diferença de gêneros quando esse acesso passa a ser possível. A pesquisa de gênero é fundamental como forma de resistência, poder e governo.

## Referências

- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres** – Relatório de Implementação – 2005, 2006, 116p.
- Deleuze, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**: curso dado no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LIMA, B. S. **Políticas de equidade em gênero e ciências no Brasil: avanços e desafios**, 2017. tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.